

# O USO E A ORDEM DOS CLÍTICOS EM REDAÇÕES ESCOLARES

*Cristiane Jardim Fonseca (UERJ/FFP)*

[crisffp@yahoo.com.br](mailto:crisffp@yahoo.com.br)

## RESUMO

A colocação dos clíticos é uma questão geradora de muitas discussões no meio acadêmico, no tocante ao uso e à norma gramatical. Embora muitos estudos tenham sido realizados sobre o fenômeno lingüístico que ocorre com os pronomes átonos no Português do Brasil, ainda há muito a ser estudado, principalmente na modalidade escrita da língua.

Este trabalho objetiva demonstrar a ordem dos pronomes átonos nas produções textuais de estudantes da 4ª, 6ª e 8ª séries do ensino fundamental, a partir de uma amostra de 240 redações, recolhidas em escolas públicas e privadas do município de São Gonçalo, considerando um corpus de 265 ocorrências de clíticos em contextos com lexias verbais simples. Todas as análises foram fundamentadas nos pressupostos teóricos da Sociolingüística Variacionista promulgada por William Labov. Desta forma, o estudo pôde verificar os fatores lingüísticos e extralingüísticos que condicionam as variantes pré-verbal e pós-verbal, além da influência da escola no tocante ao ensino e aprendizado da colocação pronominal.

Procura-se, por meio deste estudo, contribuir para que as regras de colocação pronominal em nossas gramáticas escolares sejam reformuladas, atendendo a uma realidade mais coerente com o português do Brasil, assim permitindo uma convivência harmoniosa entre professor, norma e aprendiz.

## INTRODUÇÃO

A colocação dos clíticos é uma questão geradora de muitas discussões no meio acadêmico, no tocante ao uso e à norma gramatical. Embora muitos estudos tenham sido realizados sobre o fenômeno lingüístico que ocorre com os pronomes átonos no Português do Brasil, ainda há muito a ser estudado, principalmente na modalidade escrita da língua. Portanto, esta pesquisa tem por objetivo observar a ordem dos pronomes oblíquos átonos em produções textuais de

estudantes do Ensino Fundamental, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista. De acordo com essa perspectiva, verificam-se os fatores lingüísticos e extralingüísticos que condicionam o uso da próclise e da ênclise nas redações escolares.

O uso proclítico é preferência na modalidade oral do português do Brasil. Segundo Mattoso Câmara Jr. (1981, p.105 *apud* Silva, 2000, p. 1), “o gênio da língua (...), para o português (do Brasil) não favorece a ênclise; e a próclise é geral, em princípio (...)”. Vieira (2007) também declara que os problemas a respeito da colocação dos clíticos pronominais “são decorrentes da (...) diferença entre as variedades brasileira e européia: o usuário da língua vacila entre o respeito ao padrão europeu – que, no Brasil, predomina nas gramáticas escolares – e a adaptação ao uso brasileiro” (p. 126).

## FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

### *Pressupostos teóricos*

Para o desenvolvimento da proposta desta pesquisa e o estabelecimento dos objetivos já inferidos, tem-se como base os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa. Para tanto, acredita-se que todas as línguas apresentam uma variabilidade lingüística.

Segundo Mollica (2004), compreende-se a Sociolinguística como:

Uma das subáreas da Lingüística que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos lingüísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos lingüísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (p. 9)

O objeto de estudo da Sociolinguística é a variação existente em todas as línguas, capaz de ser descrita e analisada de forma científica, entendendo que as variações de

uso da língua são influenciadas<sup>1</sup> por fatores estruturais e sociais, nomeados como variáveis independentes. Portanto, os estudos sociolinguísticos consideram que, tanto num plano sincrônico como diacrônico, podem-se observar as variações da língua relacionadas a variáveis independentes de ordem interna ao sistema (estrutural) e de ordem externa (origem geográfica, gênero, faixa etária, nível de escolaridade, *status* sócio-econômico).

Em relação aos fatores extralinguísticos pode-se classificar a variável observada em: a) variação geográfica (diatópica) que seriam as diferenças linguísticas que se expressam regionalmente, considerando os limites do espaço físico; b) variação social (diastrática) que seria o grupo de fatores que formam a identidade do falante e da comunidade de fala que ele está inserido, a esta variação pode-se relacionar os seguintes fatores: gênero, faixa etária, nível de escolaridade, *status* sócio-econômico.

Esse modelo de análise e descrição é proposto por Willian Labov, precursor dos estudos sociolinguísticos que se “apresenta como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo” (Tarallo, 2003: 7). O modelo de análise proposto por Labov surgiu durante a década de 1960, com seus estudos sobre mudanças em progresso, sob a orientação do Professor Uriel Weinreich. Seus estudos também divergiam do modelo estruturalista que vigorava até aquele momento. De acordo com Labov (1968):

Os procedimentos da lingüística descritiva se baseiam no entendimento de que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, foi útil considerar que tais normas eram invariantes e compartilhadas por todos os membros da comunidade lingüística. Todavia, as análises do contexto social em que a língua é utilizada vieram demonstrar que muitos elementos da estrutura lingüística estão implicados na variação sistemática que reflete tanto a mudança no tempo quanto os processos sociais extralingüísticos. (*apud* Monteiro, 2000: 13)

---

<sup>1</sup> Uma variável também pode ser compreendida como dependente “no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) (...) que podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência” (Mollica & Braga, 2004:11).

Portanto, a Sociolingüística contraria a idéia de que a língua é homogênea. Segundo Machado (2006):

Tal modelo leva em conta, a relação entre língua e sociedade, a heterogeneidade e a diversidade em situações reais de comunicação, podendo ser a variação sistematizada através do estabelecimento de regras que determinem a escolha do falante por uma ou outra variante. Nos estudos sociolingüísticos, essa opção do falante, que ora se aplica, ora não, é denominada regra variável. (p. 56)

Uma variável lingüística corresponde a duas ou mais formas diferentes de se transmitir a mesma informação. Contudo, as forma que se alternam, transmitindo a mesma informação no mesmo contexto, são consideradas como variantes lingüísticas. Portanto, para ser depreendido o entendimento de uma determinada variável, deve-se considerar vários fatores que influenciam na escolha do falante por uma variante.

Em consonância com o modelo teórico, as variantes lingüísticas verificadas neste trabalho trazem a mesma característica no sentido de serem possibilidades em relação à ordem dos pronomes oblíquos átonos considerando o mesmo contexto sintático. A indicação dos fatores que condicionam estas variantes segue a verificação de ordem interna e externa.

### *Pressupostos metodológicos*

Esta seção trata da descrição do *corpus* da pesquisa e dos procedimentos metodológicos da coleta e análise das amostras. O levantamento do *corpus* realizou-se em escolas da rede pública e privada do município de São Gonçalo, constituindo uma amostra de 265 ocorrências de pronomes átonos em lexias verbais simples, tiradas de 240 redações de alunos da quarta, sexta e oitava séries do ensino fundamental, dando um total de 120 textos de escolas públicas e 120 de escolas privadas, dividindo-se em 10 amostras para meninos e 10 para meninas.

A opção por produções textuais parte do objetivo de atentar para a influência da escola junto ao processo de

ensino-aprendizagem na questão da colocação dos pronomes oblíquos átonos. Cabe ressaltar, que em algumas escolas houve a possibilidade de aplicação das atividades de produção textual, enquanto em outras apenas foi recolhido o material já aplicado pelo próprio professor em suas aulas. Pela dificuldade encontrada de acesso ao material, foram consideradas redações, principalmente dissertações, abordando variados temas, como: preservação do meio ambiente, a qualidade dos alimentos das cantinas das escolas, a violência no futebol e na sociedade, relação entre pais e filhos adolescentes. Não foi possível a elaboração de uma metodologia própria para o desenvolvimento da pesquisa, devido às condições de recepção das escolas e à falta de liberdade de acesso às turmas e professores, sendo utilizado o material que os educadores assim disponibilizavam.

Para a distribuição do *corpus*, não foram consideradas as variantes externas como origem geográfica e a faixa etária pela diferença já existente entre as séries selecionadas. Observa-se que a respeito da faixa etária os alunos tanto das escolas pública e particular visitadas possuíam idades equivalentes, não apresentando nenhuma diferença que pudesse representar grande relevância para a pesquisa. A variante *status* socioeconômico não foi possível de ser verificada, pois seria necessário fazer entrevistas individuais para se traçar um perfil de acordo com o *corpus* recolhido nas escolas particular e pública, porque nem todos os alunos que compõem o ensino privado possuem uma situação socioeconômica alta, como também nem todos os alunos da escola pública possuem uma situação socioeconômica desfavorável. Devido a essa heterogeneidade e ao contexto disponibilizado para a coleta das amostras, não foi viável a análise dessa variável, apesar da sua relevância.

Portanto, a distribuição do *corpus* pelas variáveis extralingüísticas selecionadas está exposta no quadro a seguir:

**Quadro 1: Sistematização do *corpus*:  
distribuição dos textos pelas variáveis extralingüísticas consideradas**

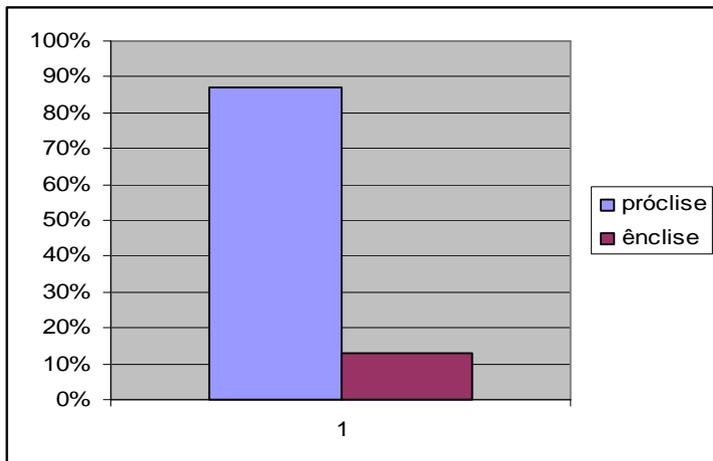
Indicação numérica das redações escolares por variável extralingüística					
Escola	Série	Tipologia Textual	Gênero		Total Parcial
			Masculino	Feminino	
Pública	4ª	Narração	10	10	20
		Dissertação	10	10	20
	6ª	Narração	10	10	20
		Dissertação	10	10	20
	8ª	Narração	10	10	20
		Dissertação	10	10	20
Particular	4ª	Narração	10	10	20
		Dissertação	10	10	20
	6ª	Narração	10	10	20
		Dissertação	10	10	20
	8ª	Narração	10	10	20
		Dissertação	10	10	20
Totais Gerais			120	120	240

Depois do recolhimento dos textos foi feito o levantamento dos dados sobre os pronomes átonos, como já mencionado, em contextos com lexias verbais simples. Foi separado o grupo de fatores lingüísticos para o tratamento dos dados, que tem como base a pesquisa de Machado (2006), os pontos de coerência entre as gramáticas tradicionais e as pesquisas apresentadas anteriormente. As considerações a respeito da análise encontram-se no capítulo a seguir.

## ANÁLISE DO *CORPUS*

De acordo com a análise do *corpus* foram registradas 265 ocorrências de pronomes oblíquos átonos, observou-se a preferência dos alunos pela ordem pré-verbal, dando um total de 230 pronomes proclíticos, o que corresponde a (87%) do total da amostra, enquanto que na posição pós-verbal houve apenas 35 ocorrências, que abarca cerca de (13%) do *corpus*.

### **Gráfico 1: A ordem dos clíticos pronominais em redações escolares com base em 265 dados.**



A pesquisa de Machado (2006) aponta também a preferência da próclise em textos escritos por estudantes do ensino fundamental e médio, seu estudo apresenta a posição pré-verbal com cerca de (80%) e a posição pós-verbal correspondendo (20%) das 590 ocorrências. Já a pesquisa de Vieira (2002) os dados não demonstram uma diferença muito contrastante entre estas duas posições, sendo registrados (54%) de próclise e (46%) de ênclise na modalidade escrita jornalística.

Esse primeiro resultado confirma a hipótese de que a posição enclítica só ocorre em alguns contextos morfossintáticos não sendo a variante preferida mesmo na modalidade escrita da língua. Refutando o que é promulgado pela gramática normativa “a posição normal dos pronomes átonos é depois do verbo (ênclise)” (Rocha Lima, 2006, p. 450).

De acordo com esse resultado, procuram-se analisar as variáveis escolhidas, observando os fatores que favorecem as posições pré-verbal e pós-verbal.

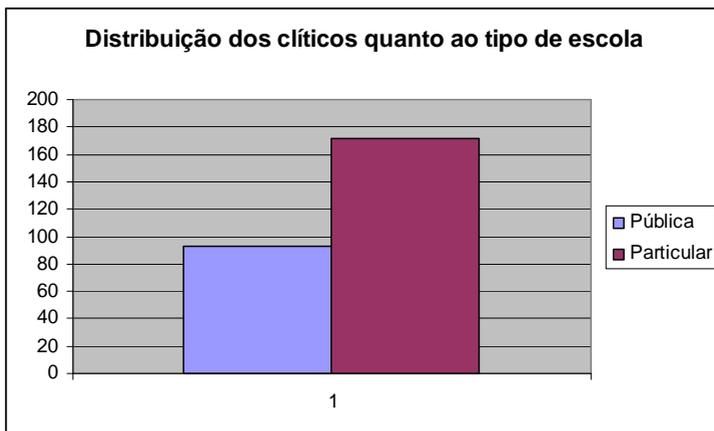
### *Análise das variáveis extralingüísticas*

### **Tipo de escola: Pública / Privada**

A modalidade escolar, segundo a hipótese levantada, refletiria no desenvolvimento da aprendizagem do aluno, devido à distinção entre as metodologias utilizadas. A prática metodológica indicaria uma diferença expressiva no resultado da análise desse fator. A variável, tipo de escola, demonstra-se relevante ao condicionamento da frequência do uso do clítico.

Com a verificação dos resultados na escola particular houve 172 ocorrências de clíticos para 93 da escola pública, em percentuais (65%) e (35%), respectivamente, do total de 265 amostras coletadas. Esses índices evidenciam o maior uso de pronomes oblíquos átonos por parte da escola particular sendo quase que o dobro das ocorrências da escola pública. Isso demonstra que a necessidade do uso dos pronomes oblíquos corresponde à metodologia aplicada em cada contexto escolar. A apresentação dos índices pode ser observada no gráfico a seguir:

**Gráfico 2**  
**O total de clíticos distribuído segundo a modalidade escolar**



Todavia, a respeito da ordem dos clíticos a próclise torna-se a variante característica nas duas modalidades escolares. Obtendo um grau de diferença muito pequeno no que tange a posição enclítica, a mais valorizada pela norma. Na escola particular fica em torno de (09%) e na escola pública (20%). Os valores estão indicados na tabela a seguir de acordo com a posição próclítica:

**Tabela 1: A freqüência da próclise quanto ao tipo de escola**

Tipo de escola	Ocorrências	Valor percentual
Particular	156/172	91%
Pública	74/93	80%

De acordo com os percentuais apresentados e considerando os valores absolutos de cada tipo de escola, verifica-se que apesar do índice da escola particular ser maior que o da pública, o percentual da posição enclítica é menor, contradizendo a hipótese de que seria utilizada mais a ênclise na escola particular pela prática pedagógica desenvolvida que

prioriza o ensino da gramática. Nas amostras coletadas, verificou-se a ocorrência da ordem enclítica na escola pública diante da conjunção subordinativa, enquanto, na escola particular, o uso do pronome átono abrindo a oração ou em posição proclítica depois de pausa, como apresentado a seguir:

(01) **Me** lambuzei.

(154) Pedindo a outras que podem mudar, “**se** esforcem mais para melhorar”.

(178) Um certo dia um menino pequeno de cabelo preto que chama-se Paulo.

Na amostra da escola particular é comum encontrar pronomes iniciando período em muitos momentos, observa-se que os exemplos buscam refletir a modalidade oral da língua apesar de não estarem escritos como discurso direto. Além disso, essas ocorrências em sua maioria retiradas da quarta série que ainda possui uma menor exposição à língua-padrão comparando-se com as séries seguintes, o que acarreta ao contexto escrito algumas evidências da oralidade.

### **Grau de letramento**

Uma das hipóteses levantadas inicialmente seria de que na modalidade escrita a ocorrência da ênclise em relação à próclise teria um crescimento relevante, de acordo com o grau de letramento do estudante. A observação do *corpus* demonstrou o seguinte resultado:

**Tabela 2:**  
**A posição proclítica quanto ao grau de letramento do estudante**

Série	Ocorrência	Valor percentual
Quarta série	30/34	88%
Sexta série	79/90	88%
Oitava série	122/141	86%

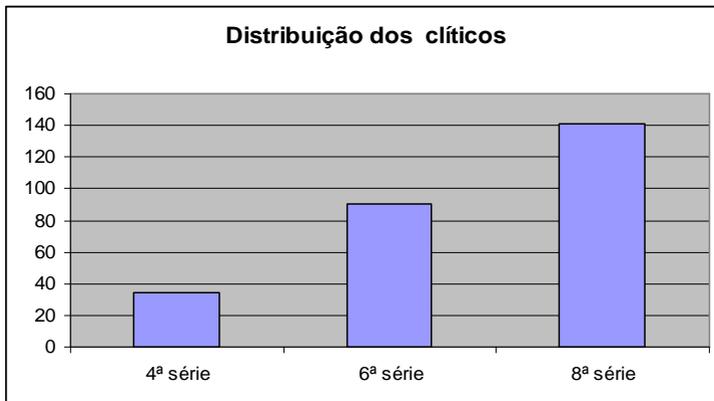
Verifica-se, a partir do resultado obtido, um aumento significativo da produtividade dos pronomes oblíquos átonos de acordo com a escolaridade do aluno. O percentual da posição pré-verbal tanto na quarta série quanto na sexta coincidem em (88%), já na oitava houve uma pequena diminuição desse valor que seria de (86%). Além disso, a posição pré-verbal do pronome átono, apesar da diferença entre as séries, é superior a pós-verbal, que teve um percentual de (12%) na quarta e sexta séries e de (14%) na oitava, confirmando a hipótese já inferida, todavia não é revelado um aumento em termos percentuais muito expressivo.

Com relação ao resultado da ordem dos clíticos, considerando o grau de letramento do aluno, demonstra uma diferença de (2%) no uso da ênclise comparando com o uso proclítico entre a oitava série e as demais, pode-se afirmar que o aluno na oitava série possui uma experiência maior com a norma padrão do que os das outras séries. O que lhe proporciona uma maior consciência na escolha da posição do clítico segundo as exigências da gramática normativa.

Na pesquisa de Machado (2006) a ordem dos clíticos segundo a escolaridade do informante revelou um valor percentual em relação ao uso da ênclise de (23%) para quarta série, (11%) para oitava e (23%) para o terceiro ano do ensino médio. Apesar da oscilação do resultado entre as séries a pesquisa demonstra também a preferência da posição proclítica por parte dos alunos.

O gráfico subsequente demonstra melhor o aumento gradativo, de acordo com os valores absolutos, o uso dos clíticos segundo o grau de letramento:

**Gráfico 3**  
**Distribuição do total de clíticos segundo a escolaridade do aluno**



Observando o total de ocorrência de clíticos no *corpus*, que é de 265, relacionado com a produtividade demonstrada no gráfico, alcança-se um valor percentual de (13%) para a quarta série, de (34%) para sexta série e de (53%). O uso menor número do pronome oblíquo átono na quarta série talvez seja pelo pouco contato que os alunos possuem com a norma padrão trabalhada no contexto escolar. Os alunos nesse estágio de conhecimento da língua, ao se depararem com situações anafóricas, por exemplo, utilizam o mesmo sintagma, sinônimos, pronomes retos ou evitam o uso de qualquer elemento. Apesar do aumento na freqüência do uso do pronome átono pelos alunos de acordo com a escolaridade, isso não reflete consideravelmente na preferência pela posição enclítica. No entanto, observa-se que o fator grau de letramento influencia o uso (produtividade) dos pronomes átonos. Porém, não se pode considerar essa variável como condicionadora da ordem dos clíticos.

### **Tipologia textual: Narração / Dissertação**

A variável tipologia textual não se apresenta como um forte fator condicionador ao fenômeno da ordem dos clíticos no *corpus* recolhido, o que não comprova a hipótese inferida a respeito da influência da tipologia dissertação, quanto à

posição enclítica. Pois tanto a narração, quanto à dissertação demonstraram, praticamente, o mesmo valor percentual. O resultado da análise dessa variável encontra-se na tabela a seguir:

**Tabela 3: Distribuição dos clíticos quanto ao tipo de texto**

Tipologia textual	Nº de ocorrências	Ênclise	Próclise
Narração	188	26 (13%)	164 (87%)
Dissertação	77	09 (12%)	68 (88%)

Destaca-se apenas que nos gêneros textuais que exploram a tipologia narração há o uso considerável de próclise em relação aos gêneros que utilizam a tipologia dissertação. Contudo, o texto dissertativo não revela a posição enclítica como preferência. No *corpus* recolhido, observou-se que houve um relevante uso de pronomes oblíquos em contextos com locuções verbais nos textos dissertativos, em maior número na quarta e oitava séries, como não correspondiam ao contexto visado para análise nessa pesquisa não foi feito o levantamento em termos percentuais.

Da mesma maneira, o resultado demonstra que o texto dissertativo apresenta uma frequência no uso do pronome átono que equivale menos que a metade utilizada no texto narrativo, contrariando a idéia de que o texto que explora a tipologia dissertação apresenta mais ocorrências de clíticos, em contextos com lexias verbais simples, devido à exigência da impessoalidade. Além disso, os dois tipos de texto evidenciam a preferência pela próclise.

### **Gênero do informante**

A análise dos dados não demonstra uma diferença significativa entre o gênero dos informantes como se observa na tabela a seguir:

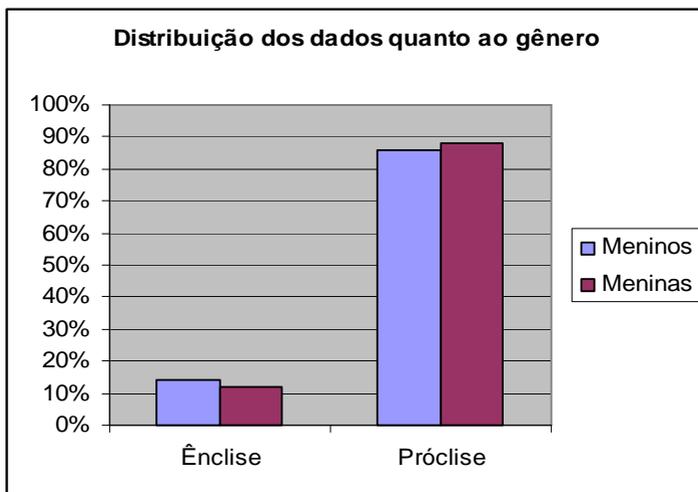
**Tabela 4: A posição proclítica quanto ao gênero do falante**

<b>Gênero</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Valor percentual</b>
<b>Meninos</b>	<b>136/154</b>	<b>88%</b>
<b>Meninas</b>	<b>95/111</b>	<b>86%</b>

De acordo com estudos sociolingüísticos as mulheres utilizam as variantes socialmente prestigiadas, não costumam optar pela forma que transgride a língua-padrão. Verifica-se no *corpus* a preferência dos dois gêneros pela próclise, o que permite afirmar que a hipótese levantada não se confirma.

A pesquisa de Machado (2006) do mesmo modo apresenta um nivelamento na ordem enclítica (meninos 15% e meninas 23%) e proclítica (meninos 85% e meninas 77%) em relação ao gênero do informante. Comprovando que o emprego de uma ou outra variante não tem nada a ver com o gênero do informante. O nivelamento do percentual quanto à ordem dos clíticos pode ser conferido no gráfico a seguir:

**Gráfico 4:**  
**A ordem dos pronomes átonos quanto ao gênero do informante**



### 3.2 Análise das variáveis lingüísticas

#### Tipo de clítico

A distribuição dos dados segundo o tipo de clítico apresenta-se na tabela subseqüente:

**Tabela 5: A distribuição do tipo de clítico segundo a ordem enclítica e próclítica**

Tipo de clítico	Nº de ocorrências	Ênclise	Próclise
me	42	--	42 (100%)
te	9	--	9 (100%)
o,a,os,as	16	12 (75%)	4 (25%)
se reflexivo	102	4 (4%)	98 (96%)
<b>Tipo de clítico</b>	<b>Nº de ocorrências</b>	<b>Ênclise</b>	<b>Próclise</b>
se apassivador	35	5 (14%)	30 (76%)
se indeterminador	25	6 (24%)	19 (74%)
se inerente	20	5 (25%)	15 (75%)

<b>lhe/lhes</b>	<b>4</b>	<b>1 (25%)</b>	<b>3 (75%)</b>
<b>nos</b>	<b>6</b>	<b>--</b>	<b>6 (100%)</b>

Os pronomes de primeira pessoa *me* e *nos* e o de segunda *te* se destacam por ocuparem em sua totalidade a posição proclítica; porém, os pronomes átonos *nos* e o *te* possuem pouca produtividade no *corpus*. Agrupando esses três clíticos, eles ocupam em relação as 265 amostras, um percentual de (21%) do total do *corpus*. Este resultado confirma a preferência do usuário pela próclise ao utilizar os pronomes referentes às pessoas do discurso.

Por outro lado, os clíticos acusativos de terceira pessoa *o*, *a*, *os*, *as* ocupam um índice de (75%) em contextos enclíticos, comparando com os outros pronomes, esses podem ser considerados como pronomes favorecedores da ênclise. Segundo a pesquisa de Galves (2001) o pronome acusativo sofre uma redução na língua, pois está sendo substituído pela forma *ele*. Todavia, confrontando com os clíticos *te*, *nos* e *lhe/lhes* a produtividade do pronome acusativo de terceira pessoa foi maior sendo em valor absoluto de 16 ocorrências; dessas, 10 foram na 8ª série, demonstrando que o uso desse pronome está interligado ao grau de escolaridade, de conhecimento da norma-padrão, conseqüentemente correlacionado com a posição enclítica.

Dentre os resultados expostos na tabela os pronomes átonos *lhe* e *lhes* destacam-se pela pouca produtividade no *corpus* representado cerca de (2%) do total de ocorrência dos pronomes clíticos. Além disso, o pronome aparece em maior número em contextos proclíticos. Ao contrário do que se observa nesta presente pesquisa, o estudo de Machado (2006) revela que o pronome *lhe* seria um dos pronomes favorecedores da ênclise.

Com cerca de 182 ocorrências, o que corresponde a (79%) das amostras, o pronome oblíquo átono *se* é um dos mais expressivos, em relação à produtividade da variável lingüística tipo clítico. Apesar da pouca produtividade da ênclise no *corpus* as funções do pronome *se* que tendem mais a essa posição, de acordo com os dados, seria num primeiro

momento a do *se* inerente (25%) seguido do *se* indeterminador com (24%) e em último plano o apassivador, todavia segundo o resultado percentual de cada função o *se* reflexivo é a forma mais desfavorecedora da ênclise. Já segundo a pesquisa de Machado (2006) a forma pronominal *se* inerente/reflexivo e o indeterminador demonstram um condicionamento maior na ordem dos clíticos enquanto que o *se* apassivador como elemento desfavorecedor da ênclise.

### **Tipo de atrator: Ausência/Presença**

De acordo com a pesquisa de Vieira (2002) a variável tipo de atrator é um forte elemento condicionador da ordem dos clíticos. Com base em sua pesquisa e na de Machado (2006) foi feita a seleção de alguns elementos que podem funcionar como atratores, mesmo que não sejam muito convencionais segundo a gramática normativa. Na tabela, a seguir, encontra-se a distribuição dos dados de ênclise e próclise em relação à ausência e presença de cada um dos fatores:

**Tabela 6: A ordem dos clíticos quanto à presença de atrator**

<b>Tipo de atrator</b>	<b>Nº de ocorrências</b>	<b>Ênclise</b>	<b>Próclise</b>
<b>nenhum</b>	<b>24</b>	<b>11 (46%)</b>	<b>13 (54%)</b>
<b>SN (sujeito nominal)</b>	<b>30</b>	<b>--</b>	<b>30 (100%)</b>
<b>SN (sujeito pronominal)</b>	<b>41</b>	<b>--</b>	<b>41 (100%)</b>
<b>Conj. coordenativas</b>	<b>24</b>	<b>5 (20%)</b>	<b>19 (80%)</b>
<b>Advérbios e expressões adverbiais</b>	<b>13</b>	<b>1 (8%)</b>	<b>12 (92%)</b>
<b>Partícula de negação</b>	<b>24</b>	<b>--</b>	<b>24 (100%)</b>
<b>Preposições</b>	<b>12</b>	<b>4 (34%)</b>	<b>8 (66%)</b>
<b>Elementos subordinativos</b>	<b>40</b>	<b>5 (15%)</b>	<b>34 (85%)</b>

O alto índice da ordem proclítica no corpus justifica-se pelos contextos que apresentam elementos atratores. Na tabela, verifica-se no contexto de ausência de atrator que

houve um aumento quanto à posição enclítica (46%), como se pode verificar nos exemplos abaixo:

(38) Passou-**se** um ano.

(66) Destacava-**se** entre os outros

(172) Depara-**se** com “uma” lago muito sujo...

Contudo, em relação à ausência de atrator, a próclise (54%) foi a posição preferida por parte dos estudantes, apesar do percentual ter sido próximo, apenas (7%) de diferença entre a variante pré-verbal e pós-verbal. Percebe-se que a tendência à ênclise também se destaca nos contextos em que aparecem conjunções coordenativas (20%), preposições (34%), e por último, elementos subordinativos (15%).

Nos contextos em que há a presença de SN (sujeito nominal), SN (sujeito pronominal) e partícula de negação a posição enclítica foi nula, ocorrendo a posição pré-verbal em todas as ocorrências. Da mesma maneira que podem ser apontados como elementos desfavorecedores da posição pós-verbal os advérbios e as expressões adverbiais com o valor percentual de (8%). Portanto, a variável presença ou ausência de atrator, como pode ser observado nos resultados, estabelece uma atuação muito importante para o condicionamento da ordem dos pronomes átonos.

### **Tempo e modo verbal**

Apresenta-se na tabela a seguir a distribuição dos dados de acordo com o tempo e modo verbal:

**Tabela 7: A distribuição do tempo e modo verbal segundo à posição enclítica e próclítica**

<b>Tempo e modo verbal</b>	<b>Nº de ocorrências</b>	<b>Ênclise</b>	<b>Próclise</b>
<b>Presente do indicativo</b>	<b>85</b>	<b>10 (12%)</b>	<b>75 (88%)</b>
<b>Pretérito perfeito do indicativo</b>	<b>103</b>	<b>11 (10%)</b>	<b>93 (90%)</b>

<b>Pretérito imperfeito do indicativo</b>	<b>39</b>	<b>4 (10%)</b>	<b>35 (90%)</b>
<b>Preterito mais-que-perfeito do ind.</b>	<b>1</b>	<b>--</b>	<b>1 (100%)</b>
<b>Futuro do presente do indicativo</b>	<b>1</b>	<b>--</b>	<b>1 (100%)</b>
<b>Tempo e modo verbal</b>	<b>Nº de ocorrências</b>	<b>Ênclise</b>	<b>Próclise</b>
<b>Futuro do pretérito do indicativo</b>	<b>1</b>	<b>--</b>	<b>1 (100%)</b>
<b>Presente do subjuntivo</b>	<b>1</b>	<b>--</b>	<b>1 (100%)</b>
<b>Pretérito imperfeito do subjuntivo</b>	<b>3</b>	<b>--</b>	<b>3 (100%)</b>
<b>Futuro do subjuntivo</b>	<b>5</b>	<b>1 (20%)</b>	<b>4 (80%)</b>
<b>Imperativo</b>	<b>3</b>	<b>--</b>	<b>3 (100%)</b>
<b>Infinitivo</b>	<b>24</b>	<b>12 (50%)</b>	<b>12 (50%)</b>
<b>Gerúndio</b>	<b>3</b>	<b>--</b>	<b>3 (100%)</b>

Alguns tempos verbais não foram muito produtivos no *corpus*, como: pretérito mais-que-perfeito, futuro do presente, futuro do pretérito do modo indicativo e presente do subjuntivo. Por conta disso, não se pode considerar esses tempos verbais condicionadores da ordem dos clíticos em relação às amostras recolhidas. Já o tempo presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito do modo indicativo obtiveram um número de ocorrências relevante.

O presente do indicativo apresentou um percentual de (12%) para a posição enclítica e (88%) para a pós-verbal, no pretérito perfeito a indicação de (10%) para ênclise e de (90%) para próclise, da mesma forma o tempo pretérito imperfeito, também do modo indicativo, apresentou para a ordem enclítica um percentual de (10%) e para ordem pós-verbal (90%). Os tempos presente e pretérito perfeito do modo subjuntivo demonstram uma inclinação para a posição enclítica, porém apresentam um percentual mais relevante para a posição proclítica. As formas verbais imperativo, gerúndio e pretérito imperfeito do modo subjuntivo apresentam um percentual nulo para a ênclise. Já o infinitivo apresentou um percentual em relação à ênclise de (50%), a forma verbal que mais se destaca quanto ao condicionamento da ordem dos clíticos.

De acordo com a análise do *corpus*, observa-se que os tempos do modo indicativo atuam de uma forma mais imparcial quanto à ordem dos pronomes átonos, pois verificou-se que a presença ou ausência do atrator influencia mais do que o próprio tempo verbal. Já nos tempos do subjuntivo a próclise é favorecida por causa do contexto em que estão inseridos, pois costumam ocorrer em orações em que há presença de conjunções, como a própria natureza subordinativa desse modo verbal indica. Portanto, a variável tempo e modo verbal não foi considerada um fator que influenciasse na ordem dos pronomes átonos de forma considerável, com a exceção do infinitivo, segundo a amostra coletada. Todavia, a hipótese apresentada se confirma, à medida que a presença e ausência de atrator se sobressaem no condicionamento da ordem dos clíticos sobre os tempos do modo indicativo.

## CONCLUSÃO

De acordo com os resultados obtidos desta pesquisa foi possível verificar que a próclise foi a posição preferencial na modalidade escrita no contexto escolar. O uso da ênclise se limitou a alguns contextos, como: em orações que não há a presença elemento atrator e em construções com o pronome *o*, *a* (*s*) após infinitivo verbal.

A variável tipo de escola demonstrou que o trabalho metodológico de cada escola (pública e particular) exerce uma grande influência no aprendizado dos clíticos, já que o conhecimento desses está mais vinculado ao meio escolar. Por mais que em relação à ordem não tenha sido muito expressivo os dados, no tocante à produtividade, verificou-se que a escola particular apresenta uma prática metodológica que proporciona uma maior vinculação dos pronomes átonos. Da mesma maneira, a variável grau de letramento mostrou que a produtividade dos clíticos está ligada ao nível de escolaridade dos estudantes.

Observou-se que, por mais contato que o aluno possua com a norma-padrão, as suas produções escritas ainda revelam o uso preferencial da próclise. Portanto, todos esses contextos de análise trazem vários pontos de reflexão sobre o ensino da língua, no que tange a norma e a variação. A gramática apresenta uma proposta em relação à colocação pronominal que, em muitas situações, não correspondem à realidade.

Além disso, apresentam variação no tratamento do assunto, umas, um pouco mais próximas da realidade do uso brasileiro, enquanto outras mais tradicionais. Por sua vez, o professor, só possuindo este material, reproduz uma situação que não condiz com o contexto lingüístico vivenciado por seus alunos. Por isso, a necessidade de se conhecer os padrões de uso que correspondem à realidade do português brasileiro.

O que ensinar? E como ensinar? São questões que ecoam na sala de aula. Mas para que essas dúvidas sejam sanadas é preciso que alguns usos característicos da realidade

lingüística do Brasil, por meio de pesquisas científicas, sejam legitimados, como, por exemplo, a variante pré-verbal. Segundo, a autora VIEIRA (2007), “assumir que o conhecimento da descrição pronominal em termos variáveis é essencial à prática de sala de aula está em consonância com a atitude de encarar, de forma realista, a diversidade lingüística do Brasil” (p.140).

Este estudo demonstrou que com um suporte descritivo, cientificamente fundamentado, torna-se viável apresentar ao aluno uma realidade mais coerente com o uso dos pronomes átonos, favorecendo a compreensão do estudante a respeito do assunto. Sabendo-se que a colocação pronominal é um conteúdo que faz parte do ensino de Língua portuguesa, o professor deve ter em mente que ao transmitir este conhecimento deve cumprir “o objetivo de promover o domínio do maior número possível de variantes lingüísticas, de forma a tornar o aluno capaz de reconhecê-las e/ou produzi-las, caso deseje” (Vieira & Brandão, 2007, p. 140).

Contudo, é comum serem vistas na sala de aula práticas que ignoram as variantes existentes na língua, reproduzindo conceitos prescritivos que não constituem uma realidade lingüística, tornando-se um fator de desinteresse para o aluno. Por conta disso, esta pesquisa deseja colaborar, juntamente com tantos outros estudos sociolingüísticos, com a prática pedagógica, mostrando os contextos que condicionam cada variante, permitindo que sejam elaboradas metodologias mais coerentes com a ordem dos pronomes átonos no português escrito atual no Brasil, auxiliando os alunos para que sejam eficientes usuários da língua em várias situações de comunicação que possam se deparar em suas experiências diárias.

No Colégio Pedro II em 1918, em discurso de paraninfo aos alunos concluintes, Silva Ramos declara:

Que poderão, entretanto, fazer nossos mestres neste momento histórico da vida do português na nossa terra? Ir legitimando, pouco a pouco, com a autoridade das nossas gramáticas, as diferenciações que vão se operando entre nós, das quais a mais sensível é a das formas causais dos pronomes

peçoais regidos por verbos de significação transitiva e que nem sempre coincidem lá e cá: além da fatalidade fonética que origina necessariamente a deslocação dos pronomes átonos na frase, o que tanto horripila o ouvido afeiçoado à modulação de além-mar.

Já é hora de serem legitimadas as variantes que caracterizam a língua brasileira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, M. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz?* São Paulo: Loyola, 1999.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- . *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* Rio de Janeiro: Ática, 1993.
- . *Na ponta da língua*. Vol. 6. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GALVES, C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Unicamp, 2001.
- HENRIQUES, C. C. (Org.). *Linguagem culta contemporânea*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2003.
- MACHADO, A. C. M. *O uso e a ordem dos clíticos na escrita de estudantes da cidade do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- MEC/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- MOLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolingüística*. São Paulo: Contexto, 2004.
- MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- NEVES, M. H. M. *Que gramática estudar na escola?* São Paulo: Contexto, 2003.
- OZORIO, R. P. *Colocação de pronomes oblíquos átonos: norma e uso*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 2006.
- PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2001.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

SILVA, M. A. M. *A variação da colocação pronominal do português culto do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFF, 2000.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2003.

VIEIRA, S. R. & BRANDÃO, S. F. (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.